

ENTRE A DÍVIDA E A DEVOÇÃO: O OLHAR DE MANUEL FERREIRA SOBRE GOA (1948-1954)¹

BETWEEN DEBT AND DEVOTION: MANUEL
FERREIRA'S VIEW ON GOA (1948-1954)

Daniela Spina²

1 A investigação para este artigo decorreu no âmbito do projeto exploratório PORT ASIA – Escrever a Ásia em português: mapeando arquivos literários e intelectuais em Lisboa e Macau (1820-1955) [EXPL/LLT-LES/1191/2021], do Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, financiado por fundos nacionais portugueses através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

2 Doutoranda do Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa

Resumo: O presente artigo investiga a participação de Manuel Ferreira no meio intelectual goês entre 1948 e 1954, e a sua contribuição no *Boletim da Emissora de Goa* e no jornal *O Herald*. Nos primórdios da sua carreira de escritor e africanista, a experiência goesa de Ferreira se configura como um duro confronto com a problemática realidade ultramarina e com as fragilidades de um meio cultural atingido duramente pela repressão salazarista. Entre propaganda com sabor de lusotropicalismo e desapaixonada defesa de escritores e artistas locais, Ferreira inscreve a sua estadia em Goa entre a dívida e a devoção, tentando conciliar as suas obrigações políticas com o seu desejo de cultivar literatura.

Palavras-chave: Manuel Ferreira, Emissora de Goa, imprensa periódica, lusotropicalismo, Jogos Florais de Goa.

Abstract: This article investigates the participation of Manuel Ferreira in the intellectual circles of Goa between 1948 to 1954, and his contribution to the *Boletim da Emissora de Goa* and the journal *O Herald*. In the early stages of his career as a writer and a scholar in African literature, the experience of Ferreira in Goa discloses a harsh confrontation with the problematic ultramarine reality and with the vulnerability of the cultural milieu greatly affected by Salazar's repression. Between lusotropicalist propaganda and unbiased defence of local writers and artists, Ferreira spent his stay in Goa between debts and devotion, trying to conciliate his political duties with the desire to nurture literature.

Keywords: Manuel Ferreira, Emissora de Goa, periodical press, lusotropicalism, Jogos Florais de Goa.

1 Começando pelo fim

Em fevereiro de 1954, Mário Isaac entrevista, por conta da rubrica cultural do jornal goês *O Heraldo*, o escritor português Manuel Ferreira, sendo a entrevista publicada apenas no dia 2 de maio daquele ano. À pergunta “qual a opinião que tinha do ambiente cultural goês, quando embarcou para aqui, em 1948?”, Ferreira respondia:

A impressão de que era um ambiente que não correspondia nem às necessidades nem às possibilidades do meio. Espantava-me como era possível haver 4 jornais diários, sendo 3 na capital, um Liceu, uma Escola Médica, um Instituto Vasco da Gama, organismo cultural, algumas associações, e as manifestações de cultura razarem pelo vulgar e pelo banal: uma convencional conferência, de tempos, a tempos e pouco mais. Nem uma revista literária, nem uma exposição e, pior ainda, o desconhecimento completo, pode dizer-se, de todo o promissor movimento literário português actual. (ISAAC, 1954a, p. 4)

À questão a seguir, se ao longo dos seis anos passados em Goa tinha tido a oportunidade de mudar de opinião, Ferreira respondia de maneira negativa, que não se tinha feito nada e que estava tudo por fazer. Admitia que o problema maior era representado pela falta de circulação de livros entre os jovens. Um problema por sua vez provocado pelas carências de um mercado editorial, de revistas literárias e, sobretudo, de bibliotecas públicas e livrarias: “Divulgar o livro,

pelo menos aqui em Goa, é coisa muito difícil, dadas as condições intelectuais e o entrelaçamento de línguas e culturas, mas estamos convencidos de que muito se poderia obter. Basta apenas que estudemos o meio e lhe apliquemos o processo próprio” (ISAAC, 1954a, p. 4). Quatro anos depois, em 1959, na revista *Estudos Ultramarinos*, num artigo intitulado “A cultura em Goa e a literatura de expressão portuguesa”, Ferreira tentava encontrar uma explicação que justificasse a escassez do arquivo literário goês. Entre as possíveis justificações, o autor reconhecia a complexidade identitária dos agentes em causa, “entre solicitações indianas e europeias” (FERREIRA, 1959, p. 154), a dificuldade dos goeses em dominar a língua portuguesa, e por fim, uma série de problemáticas, não claramente explicitadas, que teriam sido comuns a todos os meios pequenos. Além destas explicações intrínsecas, Ferreira apontava também para as fragilidades de todo um contexto extrínseco, que se manifestavam na negligência das instituições coloniais e na ineficiência das políticas ultramarinas, cristalizadas, estas últimas, num impasse “de teoria impraticável” (FERREIRA, 1959, p. 159). Ferreira sugeria, assim, o caminho a ser empreendido:

Será toda uma obra de compreensão, de inteligência, devoção, a fazer por aí fora, pois assim o exige o prestígio da nossa língua e a dívida enorme que contraímos para com aqueles que se formaram na nossa cultura e dentro destes os que pela sua condição nata são os escritores do futuro, os homens que erguem uma Literatura, que é

o mesmo que dizer a vivência, a perenidade de um povo ou de um grupo étnico, como quiserem. (FERREIRA, 1959, p. 159)

As palavras *dívida* e *devoção* talvez sejam aquelas que melhor tenham caracterizado a ação de Ferreira em Goa, sobre a qual ainda não se escreveu muito. Pelo contrário, sabemos que a sua experiência em Cabo Verde — outro meio pequeno, porém com um impressionante potencial literário, já na década de 1940 — se configurou como a abertura de um caminho de estudo, coerente e contínuo, entre as literaturas africanas de língua portuguesa. De facto, a Ferreira deve-se a institucionalização de um âmbito científico africanista no contexto da academia portuguesa, tendo fundado, em 1975, o primeiro curso de Literatura Africana de Expressão Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

As viagens a Cabo Verde (1941-1946) e Goa (1948-1954) devem ser contextualizadas no âmbito da sua carreira militar. Contudo, paralelamente à sua atividade por conta do Estado português, Ferreira não conseguiu evitar os meios intelectuais dos territórios que visitava. Em Cabo Verde, inspirou e foi inspirado. Vivendo lado a lado de intelectuais ligados às revistas *Claridade* e *Certeza*, a experiência cabo-verdiana foi um genuíno intercâmbio, que teve um impacto significativo na sua vida privada, artística e científica. O livro de contos *Grei*, de 1944, escrito, ambientado e publicado em Cabo

Verde, é apenas a primeira de uma série de obras que ilustram a centralidade do arquipélago atlântico na produção literária de Ferreira.

É possível que aquilo de que Ferreira sentia falta em Goa era sobretudo um sistema literário que se apoiasse na tríade autor-editor-leitor. Faltavam em Goa, na sua opinião, instituições de fomento: círculos culturais, bibliotecas, editoras, livrarias e revistas literárias que aproximassem os intelectuais uns dos outros. Dito de outra forma, faltava investimento económico no mercado da cultura e confiança no trabalho intelectual dos goeses. Para Ferreira, esse financiamento devia ter chegado da metrópole, uma circunstância um tanto incomum em Goa, se comparada com as numerosas iniciativas editoriais de natureza particular que iam florescendo já a partir do século XIX (GARMES, 1999; LOBO, 2013; PINTO, 2007).

A decepção e a amargura manifestadas no artigo de 1959, “A cultura em Goa e a literatura de expressão portuguesa”, provinham do falhanço de uma tentativa pessoal e da desilusão de altíssimas expectativas, construídas com base na experiência cabo-verdiana. Apesar disso, é preciso entender as posições expostas no artigo em questão, à luz do contexto social em que Manuel Ferreira opera em Goa: a ditadura salazarista, o conseqüente regime de censura e repressão política, e a chegada dos ventos lusotropicalistas a Goa. De acordo com isso, o objetivo do presente trabalho é tentar caracterizar a ação de Manuel Ferreira em Goa entre

a *dívida* e a *devoção*, ou seja, entre incomensurável e abnegado amor às letras e paternalismo metropolitano. O artigo visa a estudar a sua ação estratégica no âmbito da imprensa periódica goesa, nomeadamente, no jornal *O Herald* e no *Boletim da Emissora de Goa*, tendo em conta o contexto político ultramarino da época e a situação específica do tecido cultural goês.

2 O contexto cultural goês entre a década de 1940 e 1950

Como vários cultores e estudiosos da história da literatura goesa em português constataram (CUNHA, 1926; DEVI; SEABRA, 1971; DIAS, 1963), a partir do século XIX, com os ventos da Revolução Liberal a soprar da metrópole, Goa pôde beneficiar da presença de personalidades carismáticas vindas de fora que, aproveitando de um vibrante ressurgimento cultural — marcado, sobretudo, pela fundação de jornais e revistas —, tentaram sofisticar as práticas científicas e culturais no meio local. A Cunha Rivara, que esteve em Goa entre 1856 e 1877, deve-se, entre outros méritos, a fundação de uma escola moderna de historiadores goeses, e a Tomás Ribeiro a fundação do Instituto Vasco da Gama em 1871. Em linha geral, como foi dito sobre a experiência de Ferreira em Cabo Verde, essas figuras inspiraram e foram inspiradas, tendo tido o privilégio de vivenciar uma temporada feliz para a cultura local

— temporada que continuará até à década de 1930 e o início da ditadura salazarista. O mesmo não pode ser dito da experiência de Ferreira, o qual chegou a Goa em 1948, num período de apatia literária, em que se começavam a alimentar outro tipo de preocupações e debates na imprensa, relacionadas com o futuro de Goa perante o fim do colonialismo na vizinha Índia inglesa.

Não de menor importância é o facto de a sua estadia ter coincidido com a regência do Estado da Índia Portuguesa pelo governador-geral Fernando de Quintanilha e Mendonça Dias (1948-1952). Nessa altura, a lista de escritores, jornalistas e académicos que se encontravam presos³, ou que tinham levantado a âncora rumo a outros portos, é bastante extensa, sendo Bombaim, na já independente União Indiana, um dos destinos privilegiados dessas figuras. Num estudo sobre a revista *Goan World*, Adelaide Vieira Machado (2019) demonstra a centralidade dessa publicação para repensarmos o lugar estratégico de Bombaim naquela época. A *Goan World*, embora publicada naquela cidade, funcionava como ponte entre as diferentes comunidades goesas disseminadas pelo mundo, tanto católicas quanto hindus (MACHADO, 2019, p. 123). Com isso, Machado aponta para a unitariedade das comunidades goesas no

3 De notar que, apenas dois anos antes da chegada de Ferreira, no dia 18 de junho de 1946, os goeses tinham experienciado a repressão violenta do primeiro *satyagraha* em Goa, acontecido em ocasião da visita em Margão do nacionalista indiano Ram Manohar Lohia. Aquele evento, em que dezenas de pessoas foram presas — inclusive o próprio Lohia —, desencadeou o início dos protestos contra o regime salazarista e, marcando o começo da luta anticolonial em Goa (GAITONDE, 2018).

estrangeiro num momento crucial para a história das colónias, isto é, a promulgação do Ato Colonial (1930) e os consequentes protestos de oposição. Bombaim é, assim, elevada a lugar privilegiado a partir do qual organizar a resistência ao salazarismo:

Com a ditadura em Goa, a censura prévia, perseguições e prisões dos opositores do regime, este tipo de migração aumentou exponencialmente na década de 30, fosse na forma de exílios voluntários que aconteciam para evitar os processos que conduziam a prisões, fosse já fugas consumadas. Em ambos os casos, procurava-se uma maior liberdade de expressão que a Índia inglesa ainda permitia. (MACHADO, 2019, p. 126)

Na esteira desse cenário, Manuel Ferreira chegava, em 1948, a uma Goa esvaziada, e com um meio cultural esgotado, a sofrer dos efeitos da repressão política e da conseguinte emigração da década anterior. Num artigo publicado já de regresso a Portugal, sempre no jornal *O Heraldo*, Ferreira declarou ter procurado, durante a sua estadia indiana, “servir a cultura de Goa e em Goa” (FERREIRA, 1954a, p. 3). Esta frase poderá ser interpretada sob diferentes pontos de vista. Por um lado, terá indicado a necessidade de uma mudança radical a partir de dentro, que implicava uma transformação da própria mentalidade dos agentes em causa, na tentativa de travar o abandono massivo do território goês. Por outro lado, a frase poderia ser uma implícita crítica à própria administração colonial, a qual, a partir da longínqua Lisboa, pretendia agir nos

territórios ultramarinos sem ter noção da realidade dos contextos interessados, querendo aplicar aquilo que Ferreira definirá, em artigo de 1959, como “teoria impraticável” (FERREIRA, 1959, p. 159). Daí que não surpreenda que o autor de *Hora di bai* tenha apostado sobretudo numa série de atividades dirigidas para a camada mais jovem da sociedade, ainda a tempo para não abandonar a sua terra.

Além disso, é de salientar que a estadia de Ferreira coincidiu com a revoga do Ato Colonial, em 1951, e a passagem por Goa de Gilberto Freyre, no mesmo ano. O processo de adaptação às correntes internacionais de política anti-imperialista, por parte do regime português, transforma as colónias em províncias ultramarinas. Na esfera ideológica, sabemos que essa reestilização foi suportada pelo lusotropicalismo. Numa viagem por todas as províncias do ultramar português, a convite do Ministro do Ultramar, Sarmento Rodrigues, Gilberto Freyre irá parar em Goa em novembro de 1951, tendo como anfitrião especial o historiador Panduronga Pissurlencar. Naquela ocasião, Freyre proferirá a famosa palestra no Instituto Vasco da Gama⁴ e será entrevistado por Manuel Ferreira por conta da Emissora de Goa. A entrevista foi publicada no primeiro número do *Boletim da Emissora de Goa*, em 1952, e lida pelo

4 A palestra de Gilberto Freyre (1953) em questão é “Uma cultura moderna: a lusotropical”, publicada, a seguir, no livro *Um brasileiro em terras portuguesas*.

próprio Ferreira num programa radiofónico. Naquela altura, a Emissora de Goa era dirigida por um grupo de personalidades metropolitanas, integrado pelo próprio Ferreira, ao qual foi atribuída a condução de vários programas de interesse literário, no âmbito da secção portuguesa da emissora. É de se considerar que, contrariamente a outras emissoras, como a anglófona Radio Goa, a Emissora de Goa era, por todos os efeitos, um órgão controlado e gerido pelo Estado português, estando comprometida na difusão da cultura portuguesa em Goa e tendo alinhado no discurso lusotropicalista ao serviço da propaganda salazarista. À luz disso, é preciso ulteriormente esclarecer que a “maneira de estar” de Ferreira no *Boletim da Emissora* foi completamente distinta da “maneira de estar” no jornal *O Herald*, no qual dirigiu uma rubrica cultural durante um inteiro ano, em 1953. Sendo um jornal de iniciativa particular, fundado e dirigido por goeses, é possível que *O Herald* proporcionasse a Ferreira, embora a censura, um maior espaço de manobra, tanto no que concernia às críticas às falhas do ambiente cultural goês quanto no que concernia à proposta de atividades editoriais a serem desenvolvidas naquela folha. De facto, como será ilustrado posteriormente, Ferreira não deixará algum espaço à propaganda política na sua rubrica, procurando, numa direção totalmente oposta, promover o debate democrático através da participação direta e dinâmica do público leitor.

3 Ferreira no *Boletim da Emissora de Goa*

O primeiro número do *Boletim da Emissora de Goa* saiu em janeiro de 1952, quatro anos depois da chegada de Ferreira a Goa, enquanto a emissora estava sob a direção de Mário Campos Lobo. Manuel Ferreira assegurava a realização de programas radiofónicos de carácter essencialmente cultural e literário, como *Notas do tempo* e *Ronda da semana*, entre outros⁵, desempenhando também o papel de produtor da emissora. Dos conteúdos de alguns desses programas, reproduzia-se uma transcrição ou um resumo no *Boletim*, do qual se publicaram apenas quatro números, o último em 1953⁶. Enquanto produtor da emissora, o peso de Ferreira na programação editorial e radiofónica era evidente. É, aliás, bem provável que a ideia de fundar um órgão periódico que espelhasse e espalhasse a atividade da emissora fora uma ideia dele, na tentativa de colmar aquele vazio de revistas literárias e de interesse cultural que denunciara no artigo de 1959: “Não há uma revista literária em Goa, como não há um jornal de cultura, como não há qualquer outra manifestação de cultura, periódica, a sério” (FERREIRA, 1959, p. 158). Embora não haja certeza de que se tratou de uma iniciativa concebida pelo escritor português, o

5 Entre outros programas de carácter literário e cultural da Emissora de Goa, destacavam-se *Goa nas artes e nas letras*, *Notas de crítica*, *Actividade cultural em Goa*, *Intervalo poético* e *Jornal literário*.

6 Janeiro-março de 1952, n. 1; abril-junho de 1952, n. 2; julho-dezembro de 1952, n. 3/4. O último número saiu em 1953, incluindo os números 5 e 6, sem discriminação de meses.

facto de a publicação ter acabado com a sua saída de Goa leva a considerar essa hipótese.

Se o peso de Ferreira no *Boletim* é algo indiscutível — sendo também quantificável pelo número de artigos/transcrições que ele assina —, é igualmente indiscutível o peso da propaganda portuguesa presente nas páginas. Na introdução ao primeiro número — sem autor identificável —, lemos:

A Emissora de Goa, lançando agora o seu primeiro Boletim realiza uma das suas mais gratas aspirações. Ele será mais um elo de ligação com os seus ouvintes e ao mesmo tempo um espelho daquilo que, em parte, se tem realizado nos nossos estúdios, como contribuição de “presença da cultura portuguesa” neste Estado. Reduzida contribuição, por certo, mas a maior que se poderia dar no quadro dos nossos modestos recursos. Não pretendemos com este Boletim fazer aquilo que, no sentido vulgar, se chama propaganda. Na sua elaboração, animou-nos tão somente o mais escrupuloso princípio de honestidade do registo singelo e despretençioso⁷. (BOLETIM DA EMISSORA DE GOA, 1952, n. 1, s. p.)

A negação do propósito propagandístico será desmentida na própria página da introdução. Depois de ser feita menção do espaço dedicado às outras secções da Emissora de Goa, em concani, marathi e hindi, entre outras línguas⁸, a introdução termina com uma

⁷ Na versão original, a locução “presença da cultura portuguesa” é marcada em negrito e a palavra “propaganda” é datilografada em caixa-alta.

⁸ As outras secções elencadas são sindi, inglês, urdu e guzerate, “nas suas próprias línguas e nos seus respectivos caracteres” (BOLETIM DA EMISSORA DE GOA, 1952, n. 1, s.p.). Nos quatro números do *Boletim*, houve espaço apenas para a secção inglesa, marathi e hindi.

afirmação que apresenta uma inflexão lusotropicalista, e em harmonia com o espírito da revisão constitucional de 1951, que vale a pena reproduzir:

Esta atitude de todos os modos se impunha, e, ainda, porque ela está na linha tradicional do nosso tipo de “Aderência” com os povos enquadrados no Mundo Português. Aí vai, pois, o nosso Boletim como pávida, mas incontestável afirmação de que, no Estado da Índia Portuguesa e na Emissora de Goa, encravada na imensa península hindustânica, a Presença de Portugal se manifesta, através dos seus programas e ainda, e também, se respeitam e acarinhos os diversos agregados culturais⁹. (BOLETIM DA EMISSORA DE GOA, 1952, n 1, s.p.)

Nesse mesmo número, foi publicada a entrevista com Gilberto Freyre, realizada na sede da Imprensa Nacional, em novembro de 1951. Cabo Verde, com a sua literatura e música, é o objeto privilegiado da conversa entre o escritor português e o sociólogo brasileiro, bem como as amizades que tinham em comum naquele meio. À luz disso, Ferreira encarna-se como exemplo vivente das qualidades camaleónicas do português, o qual não apenas assimila, mas é também assimilado:

— É curioso — dissemos. Durante a nossa estadia em Cabo Verde, depois de nos havermos integrado no meio e termos sentido os anseios e os problemas do povo caboverdiano, sentíamos desejo de ter sangue negro dentro de nós. E no calor das discussões, com patrícios nossos, eles nos acusavam de termos sangue africano.

⁹ Na versão original, a palavra “aderência”, é datilografada em negrito.

- Exactlymente — esclarece-nos Gilberto Freire.
- É uma necessidade telúrica. Qualquer coisa que nos identifique com o meio, com a gente, com a terra. Para que não sejamos uma coisa vinda de fora, mas parte integrante do meio psico-físico social. (BOLETIM DA EMISSORA DE GOA, 1952, nº 1, p. 27)

Interessante é o facto de ser reportado, no diálogo, o suposto esclarecimento de Freyre — “esclarece-nos” —, o qual legitima os sentimentos manifestados por Ferreira. Essa curta frase não expressa simplesmente um ato de concordância com o comentário do escritor, mas opera como interpretação e parecer da autoridade científica personificada pelo sociólogo. Além disso, a propaganda política era bastante explícita na programação da Emissora de Goa, contando com intervalos radiofónicos — que se transformavam, posteriormente, em artigos do *Boletim* — que celebravam a vinda do Sarmento Rodrigues a Goa, em 1952, e a figura de Salazar, como no caso do artigo “Salazar e o prestígio de Portugal”, de Fernando de Albuquerque, publicado em 1953.

Relativamente à sua contribuição para o *Boletim* e a programação da Emissora de Goa, Ferreira tinha as ideias bastante claras sobre o papel das emissoras na opinião pública. Ele acreditava na participação ativa do povo no rádio, numa relação que podia ser reciprocamente enriquecedora e fértil para o fortalecimento da cultura nacional (FERREIRA, 1952a, p. 17). As emissoras tinham, na opinião de Ferreira, uma missão

pedagógica. Nesta, a literatura vinha a desenvolver uma tarefa seminal. Não só artigos de crítica literária, mas também reprodução de excertos de romances, contos e muita poesia em português, de Portugal, Brasil e Cabo Verde. Ocasionalmente, transmitia-se um programa intitulado *Música e poesia ultramarina*, com produções locais de Goa e de Moçambique também. Nesse sentido, o *Boletim* foi também uma tentativa de dar a conhecer os talentos goeses aos próprios goeses, sendo que foi a plataforma que lançou a pouco mais que adolescente Judit Beatriz de Sousa, uma poeta que se destacou no panorâma literário goês da década de 1950 e 1960. Ferreira configurava-se, dessa maneira, como uma espécie de *talent scout* à procura de tesouros literários para levar para a metrópole¹⁰.

De maneira geral, o trabalho de Manuel Ferreira e do grupo de intelectuais que o rodeava se focava na criação de um núcleo cultural em Goa, no sentido humano e físico, ou seja, reunir os intelectuais goeses e abrir círculos ou associações que pudessem concretizar essa ideia. Ao longo dos seis anos em Goa, a fundação de um círculo cultural virou uma verdadeira obsessão para Ferreira. Já no número 2 do *Boletim*, num artigo intitulado “Uma ideia e um problema: o Círculo de Cultura de Goa” (FERREIRA, 1952c, p. 10-11), Ferreira tornava explícita a necessidade desse tipo de lugar em Goa:

10 A maioria dos textos literários de autoria goesa disponíveis na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa estão catalogados no Fundo Manuel Ferreira, tratando-se de uma doação do próprio escritor.

Um Círculo de Cultura, patrocinado pelo Estado, financiado pelo Estado, orientado não unilateralmente, sem fins de propaganda, mas com a única e nobre função de fazer simplesmente Cultura, — eis o que nesta hora atribulada, mas em que por todo o Mundo vai um sopro robusto de renovação, e um grande, um imenso desejo de paz, — eis o que nós, portugueses, deveríamos edificar nesta terra goeza. (FERREIRA, 1952c, p. 10)

Nesse artigo, a ideia do círculo cultural estava ainda presa à finalidade de propagar e manter viva a cultura portuguesa no ultramar, à luz do desconhecimento, por parte dos goeses, de toda uma produção literária e artística contemporânea de língua portuguesa. Ferreira louva, como exemplo desse tipo de iniciativa, a Secção Cultural do Clube de Gaspar Dias, um clube desportivo — hoje em dia ativo como círculo de ténis — fundado em 1926, no bairro de Miramar, em Pangim. No entanto, numa nota do próprio artigo, o escritor atualiza a informação, comunicando que a Secção Cultural tinha deixado de existir, reiterando, mais uma vez, a pertinência de se falar da criação de um espaço associativo em Goa. No ano seguinte, na rubrica Página de Cultura em *O Herald*o, o debate à volta do círculo cultural animar-se-á sob um diferente ponto de vista, já desprovido dos tons propagandísticos que tinham colorido a intervenção de Ferreira no *Boletim*. Na Página de Cultura, Ferreira sugeria que o próprio Instituto Vasco da Gama, inativo desde tempo, pudesse ser o lugar perfeito para este fim. Se era verdade que os seus sócios não estavam interessados em dinamizar alguma atividade no seio do

Instituto, Ferreira não entendia o porquê do desperdício de dinheiro público, por parte do Estado, na manutenção do palácio que o albergava (FERREIRA, 1953a, p. 3). Por essa razão, em lugar de abrir novos espaços, o escritor apontava para a mais conveniente reanimação da atividade do Instituto, algo que acontecerá só depois do fim do colonialismo, quando, a partir de dia 10 de julho de 1963, mudará o nome para Instituto Menezes Bragança, em memória do jornalista Luís de Menezes Bragança (BRAGANÇA, 1965).

Embora o debate se tenha prolongado através de vários números de *O Herald*, entre 1953 e 1954, a ideia de fundar um círculo cultural *ex novo* morreu com a saída de Ferreira de Goa. O que Ferreira ignorava era que, até poucos anos antes da sua chegada, e até no interior de Goa, existiam espaços associativos, surgidos por iniciativa espontânea e fora do monopólio do Estado, que assumiram o compromisso de promover e divulgar a produção literária local. Exemplos desse tipo de espaço são o Centro Social de Colvá e o Centro Regional de Chinchim, os dois situados no sul de Goa. Sobretudo este último, configurou-se como um importante centro recreativo e cultural, com um órgão próprio — o jornal *O Regional: Defensor dos Interesses Regionais* —, uma biblioteca, uma livraria e uma regular programação de palestras de interesse cultural. Fundado por Cristovam Furtado, em 1927, e inspirado pelo movimento associativista moçambicano, o Centro Regional de Chinchim foi fechado, em 1946, por as

suas atividades terem chamado a atenção do regime português (LOPES, 2017, p. 163). Além destes casos, na própria Pangim — então Nova Goa —, até a década de 1940 era operativa a União Académica, por meio da revista *O Académico*, publicada entre 1940 e 1943. Essa associação, bem como o seu órgão de imprensa, constituía um espaço de debate político e cultural de teor bastante sofisticado, reunindo jovens intelectuais goeses, especialmente procedentes das elites hindus. A atividade da União Académica parecia encarnar, com efeito, todos aqueles aspectos que Manuel Ferreira atribuía ao tão desejado círculo cultural. Porém, a associação livre de pessoas e a circulação de ideias nunca ficam bem vistas pelos regimes autoritários.

4 A rubrica Página de Cultura em *O Heraldo* (1953-1954)

No dia 8 de fevereiro de 1953, Manuel Ferreira, com E. Dias, publicava o primeiro número da rubrica semanal Letras-Rádio-Cinema, em *O Heraldo*. A partir do número 13, de 23 de junho de 1953, a rubrica passará a chamar-se Página de Cultura, abrangendo outros campos artísticos, e sempre incentivando a problematização do meio cultural goês, temática muito cara a Ferreira. Desde o dia 9 de agosto de 1953, a rubrica passará a estar sob o seu cuidado exclusivo, até o número 41 do dia 14 de fevereiro de 1954. Depois, foi

dirigida por Mário Isaac, até o número 58 do dia 27 de junho de 1954.

O público tinha um papel ativo na programação da rubrica, estando convidado a enviar material literário inédito, como também pedidos de recensões de livros e filmes, ou artigos de crítica literária. Apelar para a participação direta dos leitores configurava-se como uma tática para sacudir o meio cultural local, educar ao debate e, também, sofisticar os gostos literários dos goeses. Entre o número 1 de Letras-Rádio-Cinema e o número 11, de 10 de maio de 1953, foi publicada uma série de entrevistas com personalidades do mundo intelectual goês, sob o título de “Os nossos inqueritos”. Os entrevistados ofereciam-se para responder a um formato standard de perguntas que envolviam a juventude goesa, o desporto e o estado da atividade cultural em Goa, entre outras temáticas de interesse local. O objetivo dessas entrevistas era o de identificar os principais problemas que afetavam o meio cultural goês, para perfilar um quadro de tópicos que pudesse despertar o interesse do leitor comum.

Manifestava-se uma constante preocupação com a falta de estímulos intelectuais pensados para os mais jovens. No dia 20 de setembro de 1953, no número 23 da Página de Cultura — nessa altura dirigida apenas por Ferreira — uma contribuição à volta do meio cultural goês por um colaborador da rubrica, J. Soares de Almeida, admitia: “Esta ‘Página’ tende a suprir a falta deste ‘meio’, e a abrir caminho às aspirações culturais

desta terra. E não se deve duvidar que não existem entre nós elementos suficientes, alguns brilhantes até, que possam tornar essa iniciativa numa brilhante empresa, altamente civilizadora” (ALMEIDA, 1953, p. 3). Será a partir dessa preocupação com os jovens que surgirá, em Manuel Ferreira, a ideia de lançar as sementes da segunda edição dos Jogos Florais de Goa.

Um artigo com o título “Goa precisa de um prémio literário” já tinha aparecido na rubrica número 12, de 14 de junho de 1953. Neste, a redação da rubrica considerava a criação de prémios como necessária para estimular a atividade literária, sendo que os prémios proporcionavam aos escritores não apenas a divulgação das suas obras, mas também uma ajuda financeira. Lia-se no artigo:

Se de outro modo não fosse possível, por ora, talvez que a Imprensa se pudesse empenhar numa tarefa dessa natureza, começando por agitar o problema e abrir nas suas colunas uma subscrição pública para a angariação de fundos que se destinariam a um prémio literário anual, em moldes a estudar.

Seria um processo, talvez não o melhor, mas um processo de se contribuir para espevitar o talento literário entre aqueles que sentem a tentação de escrever, e que serão, afinal, os representantes da mentalidade de um Povo e como que a expressão do seu génio. (ISAAC, 1953a, p. 3)

Como os números seguintes da rubrica de Manuel Ferreira demonstrarão, *O Heraldo* aceitou ser o promotor da segunda edição dos Jogos Florais de Goa — a primeira tinha sido realizada em 1951 —, enquanto os

patrocinadores foram a própria Emissora de Goa e a Câmara de Pangim. No número 13, de 23 de junho de 1953, foram publicadas as primeiras notícias oficiais sobre o concurso. Manuel Ferreira insistia para que a comissão organizadora tomasse em consideração duas propostas. A primeira referia-se à instituição de um prêmio dedicado a Cecília Meireles, a qual tinha visitado Goa em janeiro daquele ano. Em segundo lugar, Manuel Ferreira exigia que todos os trabalhos que participassem no concurso fossem posteriormente publicados num folheto, aproveitando da ocasião para problematizar, mais uma vez, a escassez de publicações em Goa: “Além de representar um arquivo curioso, seria um poderoso estímulo para os concorrentes. Pelo menos os vencedores teriam a oportunidade de ver em letra de forma os seus trabalhos o que seria difícil de outra forma dada a esterilidade editorial em Goa” (FERREIRA, 1953b, p. 3).

A notícia oficial da abertura do concurso foi publicada na primeira página de *O Heraldo* do dia 29 de agosto de 1953 e o seu regulamento na Página de Cultura do dia 30 de agosto. Admitiam-se apenas trabalhos redigidos em português, ficando excluídas, como natural consequência, as línguas vernáculas. Aceitavam-se poesias que tinham como tema de inspiração Goa, Damão e Diu, poesias com mote, sonetos e quadras populares; os trabalhos em prosa estavam limitados a obras de teatro radiofônico, conferências radiofônicas e contos. No dia 11 de novembro de 1953, a redação da rubrica saudava a numerosa participação no concurso

— aproximadamente 250 trabalhos —, manifestando alegria pela receção de muitas propostas chegadas de outros cantos do ultramar português e escrevendo: “Não poderá haver movimento literário, se não houver agitação dos problemas, trocas de ideias, discussão em redor do fenómeno estético, se não houver a criação do *clima* necessário para a produção” (ISAAC, 1953b, p.3). Nesse sentido, os Jogos Florais não devem ser avaliados apenas como um evento que constituía um fim em si mesmo, mas como um pretexto para encarar o problema literário em Goa desde uma perspectiva mais prática, menos teórica, e até, mais democrática. De facto, também o projeto da publicação do folheto com os trabalhos literários inscritos no concurso previa a participação direta do público leitor. O folheto incluiria, eventualmente, os trabalhos vencedores, enquanto os descartados pelo júri do concurso seriam selecionados pela redação da Página de Cultura, publicados na rubrica e submetidos à apreciação dos leitores de *O Herald* (ISAAC, 1953b, p. 3). A intenção era a de apostar no maior nível de participação dos goeses. A expectativa de participação se referia a todas as componentes daquilo que se podia considerar ser um verdadeiro sistema literário: escritores, leitores, críticos literários e editores. Porém, apesar de todos os esforços, as carências do meio cultural a que Ferreira dava conta nos seus artigos fizeram com que o escritor não presenciasse ao evento que tinha organizado com tanta devoção, dado que os Jogos Florais tiveram lugar só no dia 19 de junho de 1954, no Cinema-Teatro de

Pangim, quando o escritor já se encontrava muito longe de Goa. Sobre os efeitos surtidos por esse concurso, é de reparar que dois do grupo de vencedores¹¹ conseguiram ver editados os seus primeiros livros, nomeadamente, *Destino*, de Judit Beatriz de Sousa — com prefácio assinado por Mário Isaac, colega de Ferreira na rubrica — e *A terra falou-me assim*, de Mário do Carmo Vaz. Os dois livros foram publicados em Goa pela Imprensa Nacional, respetivamente, em 1955 e 1956. Não sabemos se as duas publicações se enquadrassem no plano editorial previsto pelos prémios, mas é possível que, de qualquer forma, os Jogos Florais tenham ajudado os dois jovens a chamar a atenção dos editores dos seus livros.

5 Conclusões

No número 41 da Página de Cultura de 14 de fevereiro de 1954, um ano depois do início da rubrica, Manuel Ferreira anuncia a sua saída de Goa e a passagem da direção da rubrica para Mário Isaac, o qual a manteve em atividade até junho de 1954. A partir de julho do mesmo ano, a rubrica passou a chamar-se

11 Os vencedores da segunda edição dos Jogos Florais foram: Manuel Cardoso, na secção Poesia Alusiva a Goa, Damão e Diu; Judit Beatriz de Sousa pela Poesia Lírica e a Quadra Popular; António Carmo pelo Teatro Radiofónico e Conto; e Mário do Carmo Vaz na secção das Palestras Radiofónicas (ISAAC, 1954b, p. 4). Os vencedores da secção Poesia Obrigada a Mote foram anunciados posteriormente, na edição de *O Heraldo* de 27 de junho, e foram escolhidos, desde o Brasil, por Cecília Meireles. Os vencedores foram, em ordem de colocação: Raul Carreira — único vencedor não goês —; Alfredo Rodrigues; Luís Caetano de Melo Alvares; e Mário do Carmo Vaz.

Poalha Cultural. No número de 21 de fevereiro de 1954, Mário Isaac publica um artigo em que confessava as dificuldades que a direção da rubrica implicava, falando a propósito de um violento desejo de recusar a proposta de Ferreira. Contudo, ele não soube declinar o convite do seu amigo:

Vamos deitar-nos ao trabalho com uma certeza de que o primeiro a desculpar as nossas faltas será aquele que tudo fez para tornar a Página o elemento informativo e doutrinário que os estudiosos desta terra merecem; esperança na continuação dum punhado de amizades que nunca consentiram a ideia de ver morrer uma iniciativa que, no dito do autor de *Grei*, é uma necessidade real para o meio goês. (ISAAC, 1954c, p.3)

Ferreira tinha consciência de que a sua contribuição fora fundamental para a manutenção da rubrica cultural de *O Heraldo* e, sobretudo, da programação literária da *Emissora de Goa*. Em 30 de maio de 1954, Manuel Ferreira reiterava, desde Portugal, a necessidade imperiosa de um círculo cultural existir em Goa. Essa mensagem tinha como destinatário o grupo de intelectuais que tinha deixado para trás, para que o trabalho realizado ao longo dos seis anos em Goa não fosse desperdiçado.

À luz deste mergulho na experiência goesa de Manuel Ferreira, concluimos afirmando que a linha que separa a *dívida* da *devoção*, no seu caso, é bastante ténue. De uma maneira dialética, podemos associar a parte da *dívida* à sua participação na Emissora de Goa

e no *Boletim* desta, enquanto a parte da *devoção* sobressai sobretudo na experiência no jornal *O Herald*, no qual, despido de qualquer incumbência política, Ferreira mostrava o lado mais abnegado do seu compromisso pessoal com a literatura. Tendo fundado a rubrica só quase no fim da sua missão militar, Ferreira tinha, naquela altura, um quadro mais claro do estado da cultura em Goa, e é possível que a escolha de um jornal, como trampolim de uma nova proposta cultural, procedesse da constatação de que a imprensa periódica tinha uma capacidade extraordinária de impactar os goeses, mais do que os livros.

De facto, as estratégias que Ferreira aplicava na sua rubrica — estratégias com uma vertente pedagógica, e até lúdica — estavam orientadas para um público que precisava de ser estimulado e que, por outro lado, queria estimular, tendo aderido às atividades propostas. Pelo contrário, no *Boletim*, a sua contribuição tinha um carácter divulgativo que, além de não ter em conta das peculiaridades do meio em que operava, alinhava exatamente com a tal “teoria impraticável” promovida pela Ditadura: o fomento de uma identidade cultural portuguesa e a pertença a uma comunidade ultramarina que ligava, espiritualmente, Mindelo a Pangim. Com esta observação, não se pretende, a todo custo, associar o compromisso intelectual de Manuel Ferreira ao lusotropicalismo, pois é uma opção superficial e, ao mesmo tempo, mistificadora. Pretende-se, porém, salientar como a retórica assimilacionista de fim-de-império

conseguiu alistar o trabalho de muitos intelectuais para fins propagandísticos; uma tendência da qual Ferreira não esteve isento, pelo menos no seu primeiro período *goês*. Outros como ele, como Ruy Cinatti em Timor, ou os próprios Vimala Devi e Manuel de Seabra (1971), na sua história literária indo-portuguesa — uma espécie de Bíblia para quem estuda hoje Goa —, alinharam na retórica lusotropicalista, trabalhando muito perto do regime salazarista. A este propósito, António Duarte Silva salienta como a tese lusotropicalista constituía, na década de 1950, “uma espécie de plataforma comum a autores e políticos do regime e da oposição” (SILVA, 2008, p. 49), tendo Freyre cativado as simpatias da esquerda portuguesa também. Isso complexifica a visão que, durante muito tempo, se teve do lusotropicalismo e de todo o conjunto de intelectuais que bebeu das suas palavras, sendo que os percursos pessoais de muitas dessas personagens vieram contradizer, pelos factos, a atitude tomada naquele determinado período histórico, tendo contribuído, cada um à sua maneira, para a genuína divulgação das literaturas e das culturas dos lugares em questão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. Soares de. Em volta da cultura. *O Heraldo*, Goa, p. 3, 20 set. 1953.

BOLETIM DA EMISSORA DE GOA (Redação). À maneira de introdução. *Boletim da Emissora de Goa*, Goa, v. 1, jan./mar. 1952.

BRAGANÇA, Luís Menezes de. *Prosas dispersas: política, administração, ensino*. Pangim: Comissão de Homenagem à Memória de Menezes Bragança, 1965.

CUNHA, Vicente de Bragança. *Literatura indo-portuguesa: figuras e factos*. Bombaim: Edição do autor, 1926.

DEVI, Vimala; SEABRA, Manuel de. *A literatura indo-portuguesa*. Lisboa: Junta das Investigações do Ultramar, 1971.

DIAS, Filinto Cristo. *Esboço da história da literatura indo-portuguesa*. Bastorá: Tipografia Rangel, 1963.

FERREIRA, Manuel. A cultura em Goa e a literatura de expressão portuguesa. *Estudos Ultramarinos*, Goa, v. 3, p. 151-159, 1959.

FERREIRA, Manuel. A função das emissoras. *Boletim da Emissora de Goa*, Goa, v. 1, p. 17, jan./mar. 1952a.

FERREIRA, Manuel. A propósito do Instituto Vasco da Gama. *O Heraldo*, Goa, p. 3, 16 jul. 1953a.

FERREIRA, Manuel. É necessário reunir os intelectuais de Goa. *O Heraldo*, Goa, p. 3, 30 maio 1954a.

FERREIRA, Manuel. Gilberto Freire entrevistado por Manuel Ferreira. *Boletim da Emissora de Goa*, Goa, v. 1, p. 24-28, jan./mar. 1952b.

FERREIRA, Manuel. Na despedida: um ano de existência. *O Heraldo*, Goa, p. 3, 14 fev. 1954b.

FERREIRA, Manuel. Os Jogos Florais de Goa. *O Heraldo*, Goa, p. 3, 23 jun. 1953b.

FERREIRA, Manuel. Uma ideia e um problema: o Círculo de Cultura de Goa. *Boletim da Emissora de Goa*, Goa, v. 2, n. 2, p. 10-11, 1952c.

FREYRE, Gilberto. *Um brasileiro em terras portuguesas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

GAITONDE, Pundalik D. *A libertação de Goa*. Lisboa: Tinta-da-China, 2018.

GARMES, Helder. *A convenção formadora: uma contribuição para a história do periodismo literário nas colônias portuguesas*. 1999. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

ISAAC, Mário. Entrevista com Manuel Ferreira, *O Heraldo*, Goa, p. 3-4, 2 maio 1954a.

ISAAC, Mário. Goa precisa de um prémio literário. *O Heraldo*, Goa, p. 3, 14 jun. 1953a.

ISAAC, Mário. Jogos Florais de Goa. *O Heraldo*, Goa, p. 4, 20 jun. 1954b.

ISAAC, Mário. Jogos Florais de Goa: o público terá a sua votação. *O Heraldo*, Goa, p. 3, 20 dez. 1953b.

ISAAC, Mário. Nota a propósito de um certame literário. *O Heraldo*, Goa, p. 3, 11 nov. 1953c.

ISAAC, Mário. Uma explicação simples mas necessária. *O Heraldo*, Goa, p. 3, 21 fev. 1954c.

LOBO, Sandra. *O desassossego goês: cultura e política em Goa do liberalismo ao Acto Colonial*. 2013. Tese (Doutorado) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2013.

LOPES, Filipa Sousa. *As vozes da oposição ao Estado Novo e a questão de Goa*. 2017. Tese (Doutorado) – Universidade do Porto, Porto, 2017.

MACHADO, Adelaide Muralha Vieira. 'Poesia e exílio' de Lúcio Rodrigues: crítica literária e identidade cultural na *Goan World* (1924-1942). *Via Atlântica*, São Paulo, v. 36, p. 121-141, 2019.

O HERALDO (Redação). Jogos Florais de Goa. *O Heraldo*, Goa, p. 3, 27 jun. 1954.

PINTO, Rochelle. *Between Empires: Print and Politics in Goa*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

SILVA, António E. Duarte. Sarmiento Rodrigues, a Guiné e o luso-tropicalismo. *Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias*, Goa, v. 25, p. 31-55, 2008.

SOUSA, Judit Beatriz de. *Destino: poemas*. Nova Goa: Imprensa Nacional, 1955.

VAZ, Mário do Carmo. *A terra falou-me assim*. Nova Goa: Imprensa Nacional, 1956.